

Representação de Gênero em Pictogramas de Sanitários Públicos: Um estudo exploratório

Gender Representation in Public Toilet Pictograms: An Exploratory Study

Thaís Alves de Andrade, Fabiano de Vargas Scherer

pictograma, gênero, sanitário público

Pertinente as mudanças na percepção sobre os conceitos de gênero e sexo nas últimas décadas, o presente trabalho visa questionar se a separação entre os banheiros ainda se faz necessária e se a sua forma de representação gráfica, a partir da padronização do uso de pictogramas "masculino e feminino", se tornou obsoleta. Visa ainda explorar algumas novas possibilidades de representação. Neste contexto, o artigo aborda questões sobre gênero e representatividade, signos de gênero e gênero nos pictogramas, buscando entender as suas correlações. Para atingir o objetivo, foram realizadas pesquisas quantitativas (questionário) para entender um contexto mais amplo sobre a relação pessoa-sanitário; e qualitativas (entrevistas), com pessoas que não se identificam com a binaridade de gênero imposta pela sociedade, a fim de escutar experiências individuais de uma parcela da população muitas vezes invisibilizada. Os resultados apontam que para criar um ambiente mais diverso e que reflete a sociedade, é necessário a troca do foco ao indicar um sanitário a partir da indicação da sua função, ao utilizar um pictograma de um vaso sanitário, por exemplo, e um termo sem a necessidade de designar um gênero ou sexo, como apenas o uso da palavra "banheiro".

pictogram, gender, public toilet

Pertinent to the changes in the perception of the concepts of gender and sex in recent decades, the present paper aims to question whether the separation between bathrooms is still necessary and whether its form of graphic representation, based on the standardization of the use of "male and female" pictograms, has become obsolete. It also aims to explore some new possibilities of representation. In this context, the article addresses questions about gender and representativeness, and signs of gender and gender in pictograms, seeking to understand their correlations. To achieve the objective, quantitative research (questionnaire) was carried out to understand a broader context about the person-toilet relationship; also, qualitative research (interviews), with people who do not identify with the gender binarity imposed by society, to listen to individual experiences of a portion of the population that is often made invisible. The results indicate that to create a more diverse environment that reflects society, it is necessary to change the focus when indicating a toilet based on its function, using a pictogram of a toilet, for example, and a term without the need to designate a gender or sex, such as using only the word "restroom".

1 Introdução

O debate entre as relações de gênero, sexo e suas definições tem estado cada vez mais em pauta. No início dos anos 1980, a palavra gênero começou a ser utilizada em discursos feministas que buscavam explicar a desigualdade encontrada entre homens e mulheres, e, com

o tempo, a delimitação entre os conceitos de gênero e sexo começou a se esvaír (WALLACH SCOTT, 2010). Borgovan (2021) define gênero como sendo um conjunto de associações, socialmente construídas, baseadas nas expectativas de conduta de uma pessoa dependendo de seu sexo biológico, como aparência, comportamentos e papéis sociais. Já o sexo biológico diz respeito às características anatômicas que a pessoa tem ao nascer, podendo incluir cromossomos, genitália, composição hormonal, entre outras (NEUTROIS.COM, [201-?]).

Um exemplo da problemática destes conceitos é encontrado na história da separação de banheiros entre feminino e masculino, que segue os moldes de uma sociedade binária. No entanto, esta divisão não é somente feita por questões de segurança ou privacidade, como pode-se supor, visto que os banheiros públicos já são projetados para fornecer estes atributos ao utilizar cabines individuais (BARNETT et al., 2018). Segundo Kogan (2007, p. 5), as motivações para a criação de leis que determinam a separação de ambientes entre sexos estão "enraizadas na ideologia das 'esferas separadas' do início do século XIX". Por mais que a divisão tenha sido feita baseada na anatomia do ser humano, a justificativa para tal se encontra nos papéis sociais, visto que o objetivo era manter "o lugar" da mulher ainda separado do homem, uma vez que ela vinha conquistando o direito de poder trabalhar. Com o passar do tempo e aos poucos, as mulheres conquistaram mais espaço na sociedade e esta segregação de ambientes foi sendo extinta, à exceção dos banheiros, que, segundo Barnett et al. (2018) se tornou universal e esperada por grande parte da população. Mesmo que as manifestações em prol da igualdade de gênero tenham mudado a visão do "lugar" da mulher na sociedade, esta separação ainda é embasada na noção de que as mulheres precisam de maior proteção.

Além da evolução da visão existente em relação aos papéis sociais da mulher e do homem, o entendimento sobre a identidade de gênero e suas diferentes formas de expressão também progrediu. Expressão de gênero é a forma como uma pessoa se manifesta externamente, por meio do seu nome, pronomes, vestimentas, comportamentos e como interage com os demais (GLAAD, 2016). Já a identidade de gênero trata-se da percepção que uma pessoa tem de si como sendo do gênero masculino, feminino ou de alguma combinação ou ausência dos dois, independente do sexo biológico, podendo ou não ser visível aos outros. Neste contexto, é possível apreender que as concepções sobre o que são homens e mulheres, seus respectivos papéis sociais e a tomada de consciência sobre a existência de pessoas que não se identificam com os extremos do binarismo imposto pela sociedade, tiveram grande evolução até os dias atuais. Por consequência da mudança na percepção sobre os conceitos de gênero e sexo, é preciso, então, questionar se a separação entre os banheiros ainda se faz necessária e se sua forma de representação gráfica, a partir da padronização do uso de pictogramas "masculinos e femininos", tornou-se obsoleta.

A partir deste movimento envolvendo igualdade, identidade e expressão de gênero, o presente trabalho se propõe a investigar a percepção dos usuários das sinalizações de banheiros públicos por meio de pictogramas, cercado-se do design social e centrado nas pessoas. A metodologia compreende o recolhimento de informações a partir de questionário (quantitativo), preparado com o objetivo de obter um entendimento sobre o contexto a partir de

um número maior de respostas, e de entrevistas com o público (qualitativo), visando entender com mais profundidade percepções e experiências pessoais.

2 Gênero e Pictogramas

Afim de atingir o objetivo, apresenta-se questões pertinentes ao projeto: (i) gênero e representatividade, (ii) signos de gênero e (iii) gênero nos pictogramas.

Gênero e representatividade

Gênero é um conceito construído socialmente que Bradley (2007, apud WOLICKI, 2015), descreve como sendo arranjos variados e complexos entre homens e mulheres, englobando a organização da reprodução, as divisões sexuais do trabalho e a definição cultural de feminilidade e masculinidade (WOLICKI, 2015). A autora ainda traz que o gênero é construído através de vários aspectos sociais, indo desde a linguagem até coloração das roupas e penteados. Entretanto, por mais que a identidade de gênero seja uma auto percepção, a sociedade acaba situando uma pessoa, até mesmo antes do seu nascimento, por conta de exames médicos como o ultrassom e a sexagem fetal, em uma categoria demográfica entre feminino e masculino, por conta de seu sexo biológico.

Atualmente, com o surgimento de novas nomenclaturas e o reconhecimento de múltiplas identidades, este conceito se expandiu para incluir pessoas com gêneros não normativos, transgêneros e pangêneros (conceitos descritos no Quadro 1).

Quadro 1 - Conceitos sobre Gênero

Nomenclatura	Definição
Cisgênero	Pessoas que se identificam, em todos os aspectos, com o gênero atribuído ao nascer.
Gêneros não normativos	Pessoas que não se identificam com o sexo designado a elas em seu nascimento, não associando o sexo biológico e a identidade de gênero.
Transgênero	Termo guarda-chuva para designar pessoas cuja identidade e/ou expressão de gênero diferem do sexo que foi designado ao seu nascimento.
Pangênero	Pessoas transgênero com identidade de gênero não-binária. É uma experiência de gênero que se refere a uma enorme e diversa multiplicidade de gêneros, porém sempre dentro da cultura e experiência de vida da pessoa.

O Manual de Comunicação LGBTI+ (Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo e mais), publicado em 2018, apresenta várias identidades de gênero além das já citadas, como gênero fluído, transexual e travesti. Este artigo não tem como objetivo definir e explicar cada identidade de gênero existente, visto que as nomenclaturas e definições estão

constantemente em evolução, mas salientar a pluralidade. Porém, é possível afirmar que esta multiplicidade de conceitos promove uma maior representatividade e identificação para pessoas que não se sentem reconhecidas pelo binarismo imposto pela sociedade.

Wolicki (2015) afirma que o gênero pode impactar diretamente como as pessoas cortam seus cabelos, se vestem e como vivem suas vidas. Todavia, estereótipos de gênero, que parecem ser benignos, podem limitar a visão que a pessoa tem da sua própria percepção de valor e potencial. Ou seja, ao reforçarmos o binarismo de gênero para grandes massas, sendo através de mídias digitais, impressas ou por atitudes cotidianas, a falta de representatividade da diversidade acaba limitando as possibilidades que uma pessoa, que não consegue se visualizar nos extremos dos gêneros normativos, tem para tomar suas decisões de vida. Dessa forma, designers precisam tomar consciência de que, ao desenvolver um projeto, é necessário entender alguns signos que podem perpetuar ideias que podem estar obsoletas.

Signos de gênero

Com o passar dos anos, as concepções sociais sobre gênero se modificam, realidade que impacta diretamente nos significados de signos construídos. Dentro do binarismo de gênero, é possível encontrar signos que reforçam este ideal. Desde que uma criança começa a ser gerada por sua progenitora, uma das perguntas mais feitas por familiares, conhecidos e até desconhecidos, é sobre o sexo do bebê. Atendentes de lojas de artigos infantis, ao fazer este tipo de pergunta, no mundo ocidental, possivelmente querem levar a pessoa que está comprando para a seção de meninos ou de meninas, sendo esta divisão explicitada a partir da utilização das cores azul, para meninos, e rosa, para meninas (CLAIR, 2017).

Esta separação como é conhecida atualmente surgiu em meados de 1940, quando pesquisas de mercado nos Estados Unidos sugeriram que o rosa deveria servir para objetos voltados ao mercado feminino e que o azul ao masculino, sendo a geração "*baby boom*" a primeira que seguiu esta divisão (PATER, 2019). Entretanto, segundo Pater (2019), antes disso, crianças de até dois anos de ambos sexos usavam roupas brancas, por serem mais fáceis de lavar, e Clair (2017) complementa que a ideia de diferenciar os gêneros das crianças através das roupas que usavam era vista como estranha. Esta construção social que é imposta pela sociedade a crianças tão novas, desde seu nascimento, a partir de estereótipos visuais, resulta em uma consciência artificial de gênero (PATER, 2019).

Sendo assim, é possível entender que da mesma forma que signos de gêneros impactam a vida individual e em sociedade, a recíproca também é verdadeira. Ou seja, o imaginário popular possui interferência direta em como esses signos são percebidos. Logo, é possível intuir que se uma mudança de comportamento social é visada, os signos que reforçam estereótipos e ideias obsoletas também devem ser alterados.

Gênero nos pictogramas

Com a sua origem ligada ao processo de impressão, a palavra estereótipo, atualmente, se refere a ideias simplificadas e, por vezes, depreciativas, sobre raça, gênero e etnia, que são repetidas inúmeras vezes em uma cultura sem esforço para a compreensão de seu significado, assim como as chapas de impressão, que originaram o termo, eram usadas repetidamente (LUPTON et al., 2021). De acordo com o Gabinete do Alto Comissariado para os Direitos Humanos das Nações Unidas, um estereótipo de gênero é danoso quando limita a capacidade das pessoas desenvolverem suas habilidades pessoais, seguirem seus planos profissionais e fazerem escolhas sobre suas vidas. Uma pessoa pode ser injustamente julgada ou criticada por conta do seu gênero e os estereótipos que ele carrega (WOLICKI, 2015).

Ao desenvolver o sistema ISOTYPE, projetado para comunicar informação de forma simples, valorizando a linguagem não-verbal, Otto Neurath e sua equipe apoiaram-se em estereótipos para representar as raças. Elas foram reduzidas a cinco, todas masculinas, com a branca em primeiro lugar e as não brancas como secundárias, apresentadas como figuras escuras, sem camisa, com trajes tradicionais, reforçando o estereótipo colonialista e eurocentrista.

A falta de representação visual feminina se dá pelo fato de que a sociedade enxerga a figura masculina como sendo a regra, e a feminina, a exceção. Segundo Pater (2019), o ícone masculino é usado tanto para uma pessoa do sexo masculino como para uma de gênero neutro, enquanto a figura feminina é usada apenas para o sexo feminino. Esta falsa suposição de um padrão branco, masculino e heterossexual é identificado pela feminista negra, Audre Lorde, como sendo a norma mítica (LUPTON et al., 2021). Esta tendência de usar o masculino como sendo uma imagem neutra é baseada na linguagem verbal, afirma Wolicki (2015). A autora diz que certas linguagens, como o espanhol e o português, aplicam o gênero em substantivos com a colocação do "o" para masculino e "a" para feminino no final das palavras, e por mais que algumas frases possam ser construídas a partir de uma linguagem neutra, as pessoas ainda preferem utilizar o termo masculino como padrão, a exemplo do uso do termo "homem" ao invés de "humanidade". Desta forma, um pictograma masculino, que normalmente é utilizado para representar pessoas, pode ser entendido como um homem dependendo do contexto em que o espectador estiver recebendo a mensagem (WOLICKI, 2015).

Lupton et al. (2021) afirma que a sociedade ocidental define certos indivíduos e comunidades como sendo a média e o comum, enquanto todo o resto é considerado algo diferente. Esta exclusão de parte da sociedade a partir de uma "norma" resulta em variados graus de opressão e iniquidade, podendo parecer invisíveis a quem se enquadra no padrão - normalmente branco e masculino -, mas escrachados no rosto dos excluídos pelo mesmo. Um dos exemplos em que esta exclusão de parte da população é feita por conta de uma representação visual que está dentro da "norma" é a sinalização da separação de banheiros por sexos das pessoas que os utilizam.

A criação de pictogramas para designar banheiros femininos e masculinos se iniciou com o sistema criado por Yoshiro Yamashita para os Jogos Olímpicos de Tokyo, em 1964, o qual trazia o binarismo representado por um homem e uma mulher sendo sinônimos dos respectivos sanitários (Figura 01) (MIJKSENAAR, 2021). Este papel secundário, de um ator passivo, performado pela figura feminina também é implícito pela falta de representação visual no mesmo sistema de pictogramas olímpicos, onde não aparece o pictograma de uma atleta mulher em nenhum dos elementos criados para ilustrar as categorias da competição. A figura feminina ficou restrita apenas à representação de atleta feminina, teatro e sanitário feminino. Esta forma de identificação e indicação dos ambientes continuou presente no sistema informacional desenvolvido por Otl Aicher para os Jogos Olímpicos de Munique, em 1972, que para designar sanitários acrescentou uma linha entre as figuras feminina e masculina (Figura 02).

Figuras 01 e 02 - Pictogramas para banheiros masculino e feminino para as Olimpíadas de Tokyo 1964 (esquerda), e Munique 1972 (direita) (MIJKSENAAR, 2021).



Desde então, até os dias atuais, não houveram mudanças significativas em relação à separação dos banheiros e a sua representação visual a partir de pictogramas. A figura feminina é representada a partir da abstração de uma figura humana e a utilização de um vestido ou saia, ou até o acentuamento da cintura e quadris, buscando uma diferenciação entre a figura masculina; que é retratada com uma forma mais reta e com a divisão entre as pernas mais nítida, como é ilustrado na Figura 03.

É importante ressaltar que, em 1990, mesmo após uma nova versão da ISO:7001, norma sobre símbolos públicos de informação, ser lançada, trazendo o símbolo de um vaso sanitário para indicar os banheiros (Figura 04) (MIJKSENAAR, 2021), continuou-se adotando como padrão a utilização das figuras masculinas e femininas.

Figuras 03 e 04 - Pictograma para banheiros masculino e feminino disponibilizados pela AIGA (esquerda) e vaso sanitário lançado pela ISO 1990 (direita) (MIJKSENAAR, 2021).



Uma das possibilidades do pouco uso do novo símbolo pode ser atribuído ao fato de que o sistema desenvolvido pela ISO deve ser adquirido, ao contrário do criado pela AIGA (*American Institute of Graphic Arts*) em parceria com a D.O.T, que é disponibilizado gratuitamente (MIJKSENAAR, 2021).

Contudo, por mais que os desenhos dos pictogramas padrões não tenham sofrido grandes alterações, a sociedade que eles tentam representar sofreu. Enquanto os símbolos utilizados para ilustrar a separação binária entre os banheiros ainda reforçam padrões e expectativas de conduta criadas socialmente, a visão sobre gênero, papéis sociais, identidade e expressão evoluíram. Em 2008, uma escola na Tailândia introduziu banheiros para estudantes transgênero e apresentou um novo pictograma, que ainda faz menção à forma já utilizada, mas sendo ele metade menino e metade menina (Figura 05). Esta pode ser a versão mais antiga de um pictograma que, nos dias atuais, pode ser utilizado para representar banheiros públicos para todos os gêneros (MIJKSENAAR, 2021). A partir dos anos 2010, banheiros multigênero são introduzidos e, por conta da falta de uma padronização internacional, é deixado nas mãos das organizações responsáveis pela sinalização de espaços a escolha de como identificar estes ambientes. O resultado disso é um grande arranjo entre terminologias e pictogramas, sendo a mais comum a figura humana "metade homem, metade mulher" (Figura 06) e o termo "*gender-neutral*" [gênero neutro] (MIJKSENAAR, 2021).

Figuras 05 e 06 - Pictograma de escola na Tailândia (esquerda) e *gender neutral* (direita) (MIJKSENAAR, 2021).



Apesar destas movimentações, por mais que o novo símbolo tente representar uma maior diversidade e inclusão, ele ainda reforça o binarismo de gênero trazendo as figuras feminina e masculina representadas pela metade. Killermann (2014, apud MIJKSENAAR, 2021) escreveu

um artigo criticando este novo pictograma e ofereceu uma solução que acreditava ser melhor: a figura de um vaso sanitário; como já havia sido apresentado em 1990 na segunda versão da ISO:7001. Porém, até o presente momento, não existe um padrão universal para pictogramas e terminologias para banheiros multigênero, mas muitos designers e companhias estão buscando possíveis soluções para esta demanda (Figura 07).

Figura 07 - Projetos aplicados e conceituais (Compilação dos Autores¹, 2022).



3 Questionário

Buscando entender, em um contexto mais amplo, aspectos sobre a binaridade imposta com os sanitários e as interseccionalidades envolvendo gênero, orientação sexual e banheiros públicos, foi desenvolvido um questionário online, que também se baseou no documento desenvolvido por Mijksenaar (2021), em projeto semelhante, com respondentes predominantemente holandeses. Utilizando a plataforma *Google Forms*, ele foi compartilhado por meio de redes sociais como o *Facebook*, *Instagram* e *Whatsapp*, visando um público que poderia ou não se identificar com a binaridade imposta pela sociedade. Foram recolhidas 95 respostas durante 13 dias, no período de 13 a 25 de abril de 2022. Cerca de 61% dos respondentes se encontram na faixa etária entre os 23 e 30 anos de idade, e 32% entre 18 à 22 anos (Figura 08). Mais da metade das pessoas se identificam como Mulher Cisgênero (65%) e não houveram respostas de Mulheres Trans, nem de Travestis (Figura 09).

Figura 08 – Questão 1.

¹ Montagem a partir de imagens coletadas nos sites www.behance.net, www.instagram.com.br, www.studiomda.com.br, acervo pessoal dos autores e PIE BOOKS (2008).

Quantos anos você tem?
95 respostas

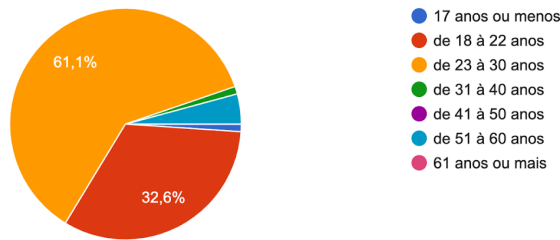
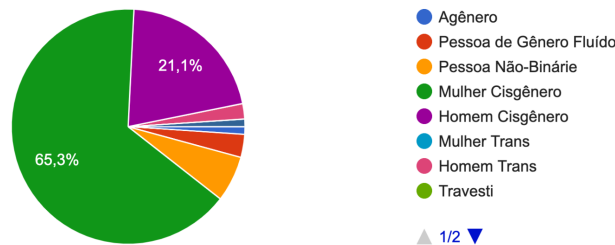


Figura 09 – Questão 2.

Como você se identifica?
95 respostas



Ao responderem caso se sentiriam confortáveis em utilizar o banheiro feminino (Figura 10), os respondentes que se identificam como sendo homens cisgênero relatam que não se sentem completamente confortáveis, mas que quando necessário já haviam utilizado o ambiente, ou não usariam por conta do desconforto alheio que eles poderiam causar. Todavia quando mulheres cisgênero respondem se ficariam confortáveis ao utilizar um banheiro masculino (Figura 11), 83% das respostas são negativas e refletem o quão elas se sentem desconfortáveis com a situação. É possível intuir, então, que mulheres cisgênero possuem uma maior aversão ao banheiro dito do sexo oposto, sendo possivelmente um resultado da falta de higiene do ambiente e/ou do histórico de violência contra a mulher. Ambas hipóteses foram levantadas pelas pessoas entrevistadas (Entrevistada 1, Entrevistada 2 e Entrevistada 4).

Figura 10 – Questão 3.

Você se sentiria confortável ao utilizar um sanitário feminino?
95 respostas

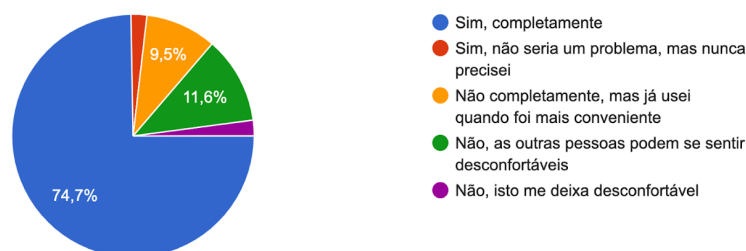


Figura 11 – Questão 4.

Você se sentiria confortável ao utilizar um sanitário masculino?
95 respostas



Quando posto a possibilidade da utilização de um banheiro multigênero (Figura 12), 74% das respostas expuseram total conforto com a situação, exceção de 3 respostas dadas por pessoas que se identificam como sendo cisgênero, que relataram que se sentiriam desconfortáveis. Tal característica de oposição se encontra novamente quando perguntado sobre a necessidade ou não de modificação da separação dos banheiros existentes (Figura 13), visto que 4 respostas, vindas de pessoas que se identificam como cisgênero, não concordam com a possibilidade de modificação ou coexistência de banheiros multigênero com os que apresentam a separação entre feminino e masculino. Posto isto, por mais que o número de respostas negativas tenha sido pequeno, ele mostra que pessoas que se enxergam nos extremos do binarismo de gênero podem possuir sentimentos negativos sobre banheiros multigênero.

Figura 12 – Questão 5.

Você se sentiria confortável usando um sanitário multigênero (sanitário que aceita todos os gêneros)
95 respostas

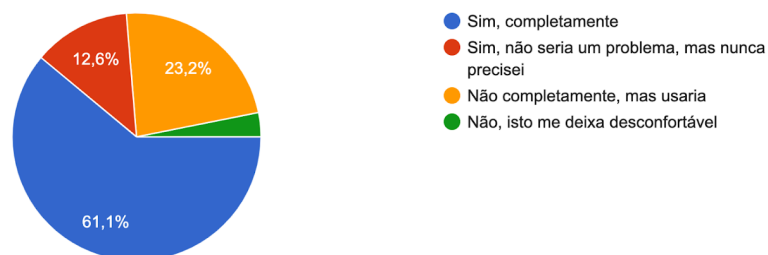
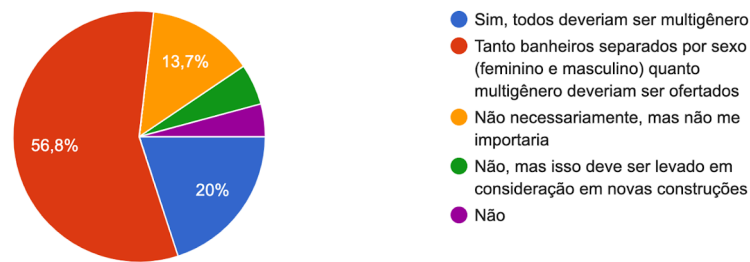


Figura 13 – Questão 6.

Você acha que é necessário mudar os sanitários existentes, que são separados por sexo, para sanitários multigênero em ambientes públicos?

95 respostas

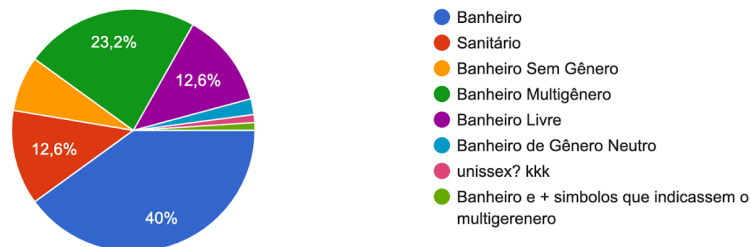


Da mesma maneira que ainda não há um consenso sobre a representação visual dos sanitários públicos de uma forma mais inclusiva, o termo que designa este espaço também parece não possuir uma opção mais acolhedora e representativa. Atualmente, sanitários voltados para todas as pessoas existem e são chamados de unissex. Entretanto, este termo faz menção a apenas dois gêneros e não a grande diversidade existente (ASSIS; BONORA, 2021). Sendo assim, foi questionado qual seria o melhor termo para designar um banheiro para todos os gêneros (Figura 14), sendo a palavra "banheiro" a mais votada, detendo 40% das respostas. "Banheiro multigênero" obteve 23% dos votos e "sanitário" e "banheiro livre" empataram em terceiro lugar com 12,6% das respostas.

Figura 14 – Questão 7.

Qual você acha ser o melhor termo para banheiros multigênero?

95 respostas



Assim como feito pela Mijksenaar (2021), foi perguntado qual seria a melhor representação gráfica que identificasse um sanitário multigênero a partir da análise das quatro opções mais vistas em projetos atuais (Figura 15). A grande maioria dos respondentes, mais de 70%, acreditam que a figura de um vaso sanitário melhor cumpre a função de indicar este local. Em contrapartida, quase 16% crê que a imagem que mostra a metade de uma figura feminina e de uma figura masculina também cumpre com este mesmo objetivo. Entretanto, esta opinião é mais vista em pessoas que se identificam como sendo cisgênero, ou seja, se enxergam dentro do binarismo apresentado no símbolo. Uma vez que, quando perguntadas as percepções em relação a este pictograma em específico, a grande maioria dos respondentes relata que ele reforça a binaridade, ou seja, não sendo representativo e podendo invisibilizar as pessoas que

não se enxergam nela. Todavia, é importante ressaltar que algumas respostas trouxeram que esta solução é "bastante útil para uma sociedade que está transitando para algo mais inclusivo, mas que ainda vê muitas barreiras ideológicas".

Figura 15 - Pictogramas que podem identificar sanitários multigênero (MIJKSENAAR, 2021).



Para completar o questionário foram solicitadas sugestões que poderiam representar um banheiro multigênero. Sendo as principais respostas sintetizadas e distribuídas em grupos no Quadro 02.

Quadro 02 - Síntese das sugestões.

Grupo	Sugestões
Símbolos de gênero	União dos símbolos de vênus e marte; Pode-se utilizar os dois símbolos de gêneros cruzados: ♀♂;
Objetos	Vaso sanitário, mictório, pia e papel higiênico; Símbolo que indique limpeza;
Adaptação/união dos pictogramas atuais	Com os dois bonequinhos feminino e masculino; Símbolo com a figura feminina, a masculina e a que contém metade de ambas;
Elementos adicionais	Escritas como "tanto faz"; Cores que não são atribuídas a gêneros (branco, preto, cinza ou amarelo).

4 Entrevistas

Em um contexto mais específico, foram realizadas entrevistas com o objetivo de compreender quais as percepções e as experiências de pessoas que não se enxergam dentro do binarismo normativo na representação visual desses espaços. Um dos objetivos da aplicação dessa ferramenta, além do entendimento sobre as vivências de cada um, é o descobrimento de possíveis padrões e divergências de pensamentos no que cada um acredita ser o ideal, pois,

por mais que exista a possibilidade de as pessoas terem passado por situações semelhantes, o modo como cada uma reagiu e pensa sobre podem ser totalmente diferentes. Posto isto, o roteiro para as entrevistas (Quadro 03) foi desenvolvido também com base no estudo de Mijksenaar (2021), sendo as questões divididas em três grupos principais (perfil, pictogramas e banheiros).

Foram feitas 9 entrevistas, via *Google Meets*, no período de 9 a 21 de abril de 2022. As entrevistas, por abordarem um tema que pode ser considerado gatilho para algumas pessoas, tomaram um tom de conversa, visando deixar os entrevistados o mais à vontade possível. É importante ressaltar que, para que a entrevista tivesse um tom convidativo e acolhedor às pessoas entrevistadas, foi perguntado por quais pronomes elas preferiam ser tratadas. Dessa forma, o presente trabalho também irá respeitar cada resposta, ao trazer na grafia de algumas palavras a utilização do "e" ou "u" no final delas, à exemplo da palavra *todes* para se referir pessoas de todos os gêneros.

Quadro 03: Questões das entrevistas e seus agrupamentos.

Tópico	Perguntas
Perfil	Nome e idade? Pronomes que gostaria que fossem utilizados? Identidade de gênero
Pictogramas	Você sabe o que são pictogramas e qual sua função? Quais são os pictogramas que você consegue recordar? Quais as percepções que você tem de cada um? Qual pictograma você preferiria? Qual possibilidade de pictograma seria interessante? Você se lembra de algum pictograma que identificasse o banheiro que você achou interessante?
Banheiros	Você já passou por algum desconforto ou sofreu preconceito ou abuso físico ou verbal quando precisou ir ao banheiro público? Qual o seu sentimento em relação a hora de escolher qual banheiro entrar? Qual é o escolhido e por quê? Você se sente confortável ao usar o banheiro identificado como oposto ao que você prefere usar? Você se sentiria confortável indo a um banheiro multigênero? Se tivesse um terceiro banheiro, banheiro feminino, banheiro masculino e banheiro para <i>todes</i> , qual seria a sua percepção? O que você acha desse movimento de criação de banheiros " <i>all gender</i> "?

Você acha que é preciso mudar todos os banheiros com gêneros designados em espaços públicos?

Como você acha que deveriam chamar esses banheiros?

A seleção dos entrevistados deu-se a partir de indicações de terceiros, visto que esta foi a forma mais efetiva para obtenção de pessoas interessadas em contribuir com a pesquisa. Também se buscou um contato direto entre os autores e possíveis entrevistados, mas estas tentativas de interação não obtiveram resposta. Era pré-requisito que fossem entrevistadas pessoas de, ao menos, duas identidades de gênero distintas, buscando uma maior representatividade. Felizmente, os participantes se identificaram como pessoas não-binárias, transgênero e/ou agênero. Ou seja, as entrevistas foram capazes de trazer a perspectiva de pessoas com diferentes identidades de gênero, atingindo o objetivo de representatividade.

Neste contexto, o entendimento sobre padrões e possíveis divergências de pensamentos se tratando dos banheiros com gêneros designados, sanitários multigênero e pictogramas utilizados para identificar estes espaços é de extrema importância para o projeto, principalmente por estas questões serem trazidas pelo próprio público que o trabalho visa atender. Além disso, as respostas poderiam ser argumentos que confirmam ou refutam itens abordados anteriormente no trabalho.

A primeira entrevista realizada foi com a **Entrevistada 1**, uma estudante de design de produto que se identifica como sendo uma pessoa não-binária e que utiliza os pronomes femininos (ela/dela) para ser tratada. Por possuir um conhecimento maior sobre design e se enquadrar no público visado, a Entrevistada 1 pôde dar contribuições valiosas à pesquisa. Ela iniciou relatando como se sentiu em uma visita ao MASP (Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand), onde é possível encontrar um único banheiro que pode ser utilizado por todos os visitantes sem distinção de sexo e/ou gênero, o que a trouxe um sentimento de pertencimento. Entretanto, os pictogramas utilizados para identificar este mesmo local utilizam as representações gráficas de figuras femininas e masculinas normativas. Quando perguntada sobre o que achava dos respectivos pictogramas, ela relatou o fato da figura com calça ser lida tanto como "homem" quanto como "pessoa", e a figura com saia/vestido sempre ser lida como "mulher", trazendo a questão da falsa suposição de um padrão branco, hétero e masculino à tona. Além de levantar a hipótese de que para certas culturas esta representação da feminilidade através de uma vestimenta curta, pode não ser bem vista. Ela ainda relata ter uma alta passabilidade (termo, originário do inglês *passing*, que significa a possibilidade de uma pessoa ser lida socialmente como membro de um grupo identitário diferente do seu pertencimento originário), portanto, não chegou a enfrentar qualquer agressão física ou verbal quando utilizou o banheiro feminino, mas que tem preferência pelo banheiro destinado a pessoas com deficiência (PCD) por não necessitar fazer uma escolha entre o feminino e masculino. Dessa forma, ao elencar uma prioridade entre os ambientes que ela prefere usar, em último lugar se encontra o banheiro masculino, pela falta de higiene do local. A Entrevistada

1 ainda comentou que o que causa mais incômodo são os termos "feminino e masculino" e não o pictograma que indica estes ambientes. Além disto, a estudante de design ainda levantou a questão que a criação de um terceiro banheiro vem com uma intenção boa, mas acaba segregando mais ainda, além de deixar a pessoa mais vulnerável e exposta para pessoas que podem não respeitá-la, acreditando que este não seria o caminho a ser seguido, corroborando com o que foi apresentado anteriormente.

Para a **Entrevistada 2** (pessoa não-binária, de 23 anos e que utiliza os pronomes femininos) a questão do ambiente deve ser bastante considerada quando das possibilidades de criação de um banheiro único ou da adição um banheiro multigênero ao local. Ela relata que, dependendo do público que frequenta o local em questão, a criação de um terceiro banheiro pode destacar e "pôr um alvo" nas costas das pessoas que se sentem confortáveis ao utilizar o banheiro multigênero. Além disso, concorda com a visão da primeira entrevistada que considera o desenvolvimento desta terceira opção uma exclusão, ao invés da inclusão visada. Entretanto, pensa que ainda sim deveriam ser oferecidos tanto banheiros femininos e masculinos, quanto multigêneros, mas com o adendo de que eles estivessem dispostos com uma distância entre os ambientes, por conta da segurança para pessoas LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e mais). Ela ainda levantou a questão que considera os banheiros públicos espaços que necessitam da reafirmação da sua identidade. Mas como possui receio pela sua segurança e não possui uma outra opção, sempre escolhe usar o banheiro feminino por estar mais familiarizada, mesmo já tendo passado por situações desconfortáveis, além de causar um sentimento de frustração por não se identificar com as pessoas com quem está compartilhando o local.

A terceira entrevista abordou alguns pontos sobre como a relação entre as pessoas e os banheiros depende muito mais dos outros, do que simplesmente o que cada um pensa sobre a sua individualidade. O **Entrevistado 3** (pessoa não-binária, de 23 anos e que utiliza os pronomes masculinos, ele/dele) entende que a escolha sobre qual sanitário usar depende muito de como as pessoas ali o percebem. Como a sociedade ainda o lê como sendo um homem cisgênero, ele aproveita desta leitura por conta da segurança e utiliza comumente o banheiro masculino. Foi relatado ainda que, até o momento da entrevista, não havia passado por nenhum tipo de preconceito nestes ambientes, mas como iniciou um tratamento hormonal com o objetivo de ter uma aparência mais andrógina, sabe que esta realidade pode mudar em um futuro próximo.

A **Entrevistada 4** demonstrou grande preocupação sobre a sua segurança e a das outras pessoas quando perguntada sobre a possibilidade de um banheiro multigênero. Ela, pessoa não-binária de 20 anos, que faz uso dos pronomes femininos, tem medo de utilizar o banheiro masculino e que, assim como a Entrevistada 2, acredita que a criação de banheiros sem separação de gênero em certos lugares poderia dar "liberdade" a pessoas mal intencionadas, especialmente a homens cisgênero. Esta fala reflete a realidade histórica de mulheres e pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ que sofrem diariamente com violências advindas deste

grupo de pessoas. Este medo é corroborado pelo fato de que dos 37 suspeitos identificados em casos de agressão contra travestis e mulheres trans em 2021, no Brasil, 32 são homens cisgênero (BENEVIDES, 2021).

Uma percepção recorrente entre os entrevistados era a visão negativa sobre a criação de um terceiro banheiro, entretanto, a **Entrevistada 5** (pessoa não-binária de 24 anos, que utiliza os pronomes femininos) entende que esta terceira opção pode ser um meio para a construção de uma mentalidade social mais receptiva a banheiros sem distinção de gênero ou sexo, visto que a abolição deste espaço de forma abrupta poderia causar revolta. Ainda sugeriu que esta mudança fosse gradual, acompanhada de ações educacionais para o público, além de comunicar aos frequentadores do local sobre esta mudança visando uma maior aceitação.

Este mesmo pensamento é compartilhado pela **Entrevistada 6**, que se identifica como uma pessoa agênero de 25 anos e que utiliza os pronomes femininos. Crê que a terceira opção separa homens e mulheres dos diferentes, mas que é um primeiro passo para futuramente abolir qualquer segregação. Uma vez que este seria o cenário ideal e, quando encontra uma configuração semelhante à descrita, se sentiria acolhida, validada e segura. Ela explicou que, por conta da passabilidade, utiliza o banheiro feminino e não tem coragem de utilizar o banheiro masculino pelo mesmo motivo: por ser lida como uma mulher cisgênero. Entretanto, ao fazer esta escolha, se sente desconfortável tanto com a separação quanto com a nomenclatura, visto que ela não enxerga como se pertencesse ao banheiro feminino. Sentimento compartilhado pelas Entrevistadas 1 e 2. Sobre os pictogramas que são usados para identificar banheiros femininos, ela entende que acaba reforçando estereótipos e reduz as mulheres ao uso de saias e vestidos. Esta afirmação de estereótipos também é apresentada no pictograma que vem sendo utilizado em banheiros multigênero, mas que consegue enxergar a representatividade de uma pessoa plural.

O **Entrevistado 7** (pessoa trans de 29 anos (o qual usa pronomes masculinos) relatou ter gostado muito de ter tido a possibilidade de usar o banheiro masculino de cabine individual - ambiente com vaso sanitário e pia com acesso independente, que não proporciona interação com outras pessoas. Acredita também que mulheres têm menos problemas em utilizar um banheiro masculino que segue esta mesma configuração. O **Entrevistado 8** (26 anos e que utiliza os pronomes masculinos) contou que a escolha de qual banheiro utilizar dependia do local em que estava e como as pessoas iriam reagir, assim como feito pela pessoa da terceira entrevista. Mas que utiliza mais o masculino, um ambiente menos limpo em comparação ao feminino, visto que sofria com desconfortos ao utilizar este último.

Todas estas questões sobre segurança, como as outras pessoas vão reagir com a sua presença e a configuração do ambiente podem ser sintetizadas a partir da nona entrevista, visto que o **Entrevistado 9** (pessoa agênero de 20 anos, que utiliza os pronomes masculinos) trouxe todos estes pontos de forma que conversasse com as respostas anteriores. Sobre a escolha do ambiente, comenta que é algo muito incômodo e nocivo, descrevendo o banheiro feminino como um espaço que você tem a possibilidade de sofrer menos violência que no banheiro masculino, atrelando a escolha do sanitário com o quanto você está passível de ser


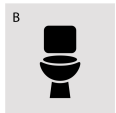
vítima de transfobia. Entretanto, por mais que haja agressão atualmente, entende que a criação de um novo banheiro ao lado do masculino e feminino seria outra forma de violência. Posto isto, defende a criação de banheiros mais abertos, mas com cabines privativas que promovam a discrição e privacidade da pessoa que a estiver utilizando, visando a inibição de possíveis agressores.

A partir das entrevistas, pôde-se compreender melhor a relação sanitário-pessoa e verificar padrões e divergências sobre as vivências individuais. Além disso, as respostas trouxeram também os termos preferidos e possíveis representações visuais para indicar e identificar sanitários multigênero. No Quadro 04 são quantificadas as vezes que cada termo foi sugerido e no Quadro 05 são apresentadas as principais percepções sobre cada pictograma,

Quadro 04 - Termos sugeridos.

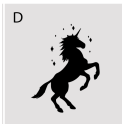
Nº de vezes	Termos sugeridos
6	Banheiro
2	Banheiro agênero / Banheiro sem gênero / Sanitário
1	Banheiro multigênero / Banheiro neutro / Banheiro para todes / Banheiro para todos os Gêneros / Banheiro universal

Quadro 05 - Síntese das percepções sobre os pictogramas.

Pictogramas	Percepções
	Informal, mas a informação é adequada; Seria para lugares mais descontraídos e poderia ser lido como homem, mas se sinalizado que era pra <i>todes</i> daria para entender;
	Menos divertido, mas bem neutro; Quase um símbolo universal; Melhor a privada de lado; Seria talvez o mais representativo;



Já possui a associação com banheiros;
Estereotipado, mas mostra uma pessoa plural;
Vestido com vento ou avental;
A junção pode perpetuar uma percepção errada sobre gêneros;



Unicórnio é algo muito fantasioso, poderia ser considerado uma piada;
Seria mais legal em festas;
Não agrada e necessita de um termo escrito para passar a mensagem;
Fortalece a divisão entre pessoas e outros/criaturas;
Tira a seriedade da questão, tira do propósito de ser levado a sério.

Dessa forma, a partir dos questionários e entrevistas, fica evidente a preferência pelo termo “banheiro” ao designar um local mais representativo e neutro. A escolha desse termo é ressaltada ao se considerar que 6 das 9 pessoas entrevistadas o citaram como sendo o melhor, e que dentre os 40% que sugeriram a sua utilização no questionário, 70% dos respondentes não se identificam nos extremos do binarismo. Ou seja, o público que cotidianamente é afetado e excluído pela sociedade binária o entende como o mais adequado. Destaca-se também que mais de 70% dos respondentes do questionário entendem que a utilização da imagem de um vaso sanitário cumpre melhor a função de identificar um banheiro multigênero, fato corroborado por não ter recebido comentários de conotação negativa, apenas sugestões, pelas pessoas entrevistadas.

Este mesmo padrão foi observado no trabalho desenvolvido pela empresa holandesa Mijksenaar, em 2021, no qual 64% das respostas foram a favor da utilização da imagem do vaso sanitário para identificar um banheiro, justificadas pela troca do foco entre a pessoa que utilizará o sanitário pela função do ambiente. Além disso, os termos preferidos foram “*restroom*”, “*WC*” e “*toilet*” sem a designação de gênero, assim como observado neste trabalho. Sendo assim, apesar dos países possuírem culturas diferentes, os resultados apresentados demonstraram semelhanças. Isso pode ter acontecido pelo fato da pesquisa brasileira ter alcançado majoritariamente um público jovem de até 30 anos e pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+, e pelas respostas holandesas terem sido coletadas na Semana do Orgulho (*Pride Week*) em Amsterdam.

5. Considerações Finais

O presente trabalho alcançou o objetivo de investigar a percepção dos usuários das sinalizações de banheiros públicos, cercado-se do design social e centrado nas pessoas, demonstrando a obsolescência da utilização dos pictogramas “masculino e feminino” como padrão para indicação de sanitários. A partir dos resultados encontrados neste estudo exploratório é possível identificar uma demanda presente e urgente em relação a modernização dos termos e pictogramas utilizados na identificação de sanitários públicos, a fim de criar um ambiente mais acolhedor e que reflita a diversidade da sociedade.

Entretanto, percebe-se que o presente trabalho pode ser expandido para outras camadas sociais, visando alcançar outras faixas etárias e níveis de instrução e renda, uma vez que, como a divulgação da pesquisa foi feita por meio de redes sociais e indicações, não foi possível atingir certos grupos, concentrando os respondentes em uma camada que demonstrou bastante entendimento sobre o assunto e visões não tão destoantes entre si. Tal expansão poderia enriquecer os resultados. Também, este trabalho pode gerar estudos futuros, como o desenvolvimento de soluções pictográficas mais representativas e respeitosas à diversidade.

Referências

- ABDULLAH, Rayan; HÜBNER, Roger. *Pictograms, Icons & Signs: A Guide to Information Graphics*. Londres: Thames & Hudson, 2006.
- BARNETT, Brian S; NESBIT, Ariana E; SORRENTINO, Renee M. The Transgender Bathroom Debate at the Intersection of Politics, Law, Ethics, and Science. *The Journal of the American Academy of Psychiatry and the Law*, v. 46, n. 2, p. 10, 2018. Disponível em: <<http://jaapl.org/content/46/2/232.long>>. Acesso em: 27 de janeiro de 2022.
- BENEVIDES, Bruna G. *Dossiê: Assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2021*. Disponível em: <<https://antrabrazil.files.wordpress.com/2022/01/dossieantra2022-web.pdf>>. Acesso em: 3 de abril de 2022.
- BORGOVAN, Stephanie. Sex and Gender Terms. in LUPTON, Ellen; KAFEI, Farah; TOBIAS, Jennifer; et al. *Extra Bold: A Feminist, Inclusive, Anti-Racist, Nonbinary Field Guide for Graphic Designers*. 1. ed. [s.l.]: Princeton Architectural Press, 2021.
- GLAAD. *Media Reference Guide 2016*. New York e Los Angeles, 2016. Disponível em: <<https://www.glaad.org/reference>>. Acesso em: 2 de fevereiro de 2022.
- KOGAN, Terry S. *Sex-Separation in Public Restrooms: Law, Architecture, and Gender*, 14 MICH. J. GENDER & L. 1 (2007). Disponível em: <<https://repository.law.umich.edu/mjgl/vol14/iss1/1>>. Acesso em: 27 de janeiro de 2022.
- LUPTON, Ellen; KAFEI, Farah; TOBIAS, Jennifer; et al. *Extra Bold: A Feminist, Inclusive, Anti-Racist, Nonbinary Field Guide for Graphic Designers*. 1. ed. [s.l.]: Princeton

Architectural Press, 2021.

MIJKSENAAR. *Beyond the Binary*. 2021. Disponível em:

<<https://inclusivity.mijksenaar.com/wp-content/uploads/2021/01/Beyond-the-Binary-A-White-Paper-by-Mijksenaar-2021.pdf>>. Acesso em: 3 de abril de 2022.

NEUTROIS.COM. *Gender Concepts*. [201-?]. Disponível em:

<<http://neutrois.com/definitions/concepts/>>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2022

PATER, Ruben. *Políticas do design: Um guia (não tão) global de comunicação visual*. [s.l.: s.n.], 2019.

WALLACH SCOTT, Joan. *Gender: Still a Useful Category of Analysis?* Diogenes, v. 57, n. 1, p. 7–14, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.46401/ardh.2021.v13.14704>>. Acesso em: 27 de janeiro de 2022.

WOLICKI, Maggie. *Put a Skirt on It Gender: Stereotypes in Pictogram Design*. M.F.A.,

Savannah College of Art and Design, Estados Unidos da América, 2015. Disponível em:

<<http://ecollections.scad.edu/iii/cpro/DigitalItemViewPage.external?sp=1002908>>. Acesso em: 4 de abril de 2022.

Sobre o(a/s) autor(a/es)

Thais Alves Andrade, UFRGS, Brasil <thaís_andrade.99@hotmail.com>

Fabiano de Vargas Scherer, Dr., UFRGS, Brasil <fabiano.scherer@ufrgs.com>